

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS

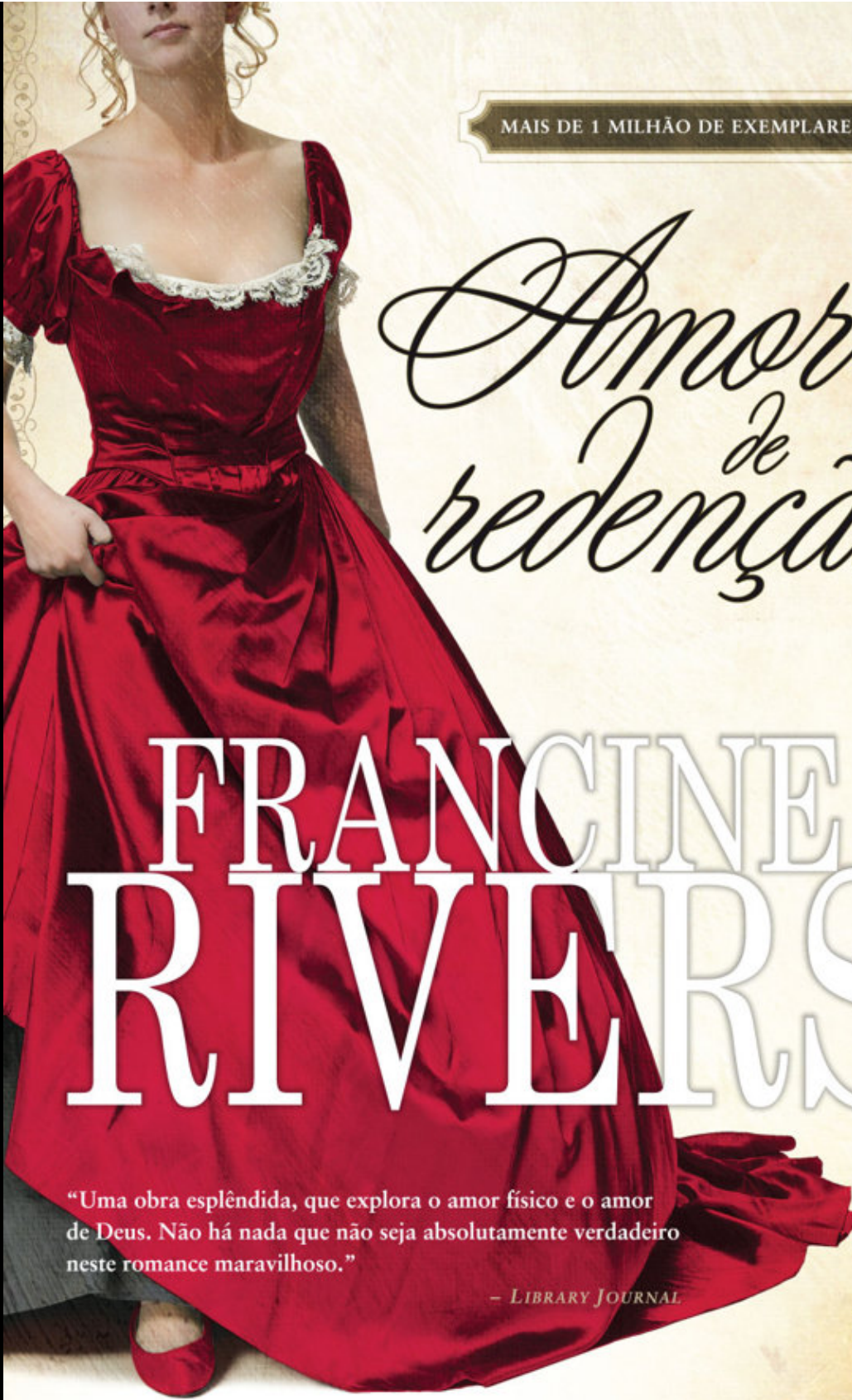
*Amor  
de  
redenção*

FRANCINE  
RIVERS

"Uma obra esplêndida, que explora o amor físico e o amor de Deus. Não há nada que não seja absolutamente verdadeiro neste romance maravilhoso."

— LIBRARY JOURNAL



A woman with blonde hair is wearing a long, flowing red dress with a white lace collar and puffed sleeves. She is standing against a light-colored, textured background.

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS

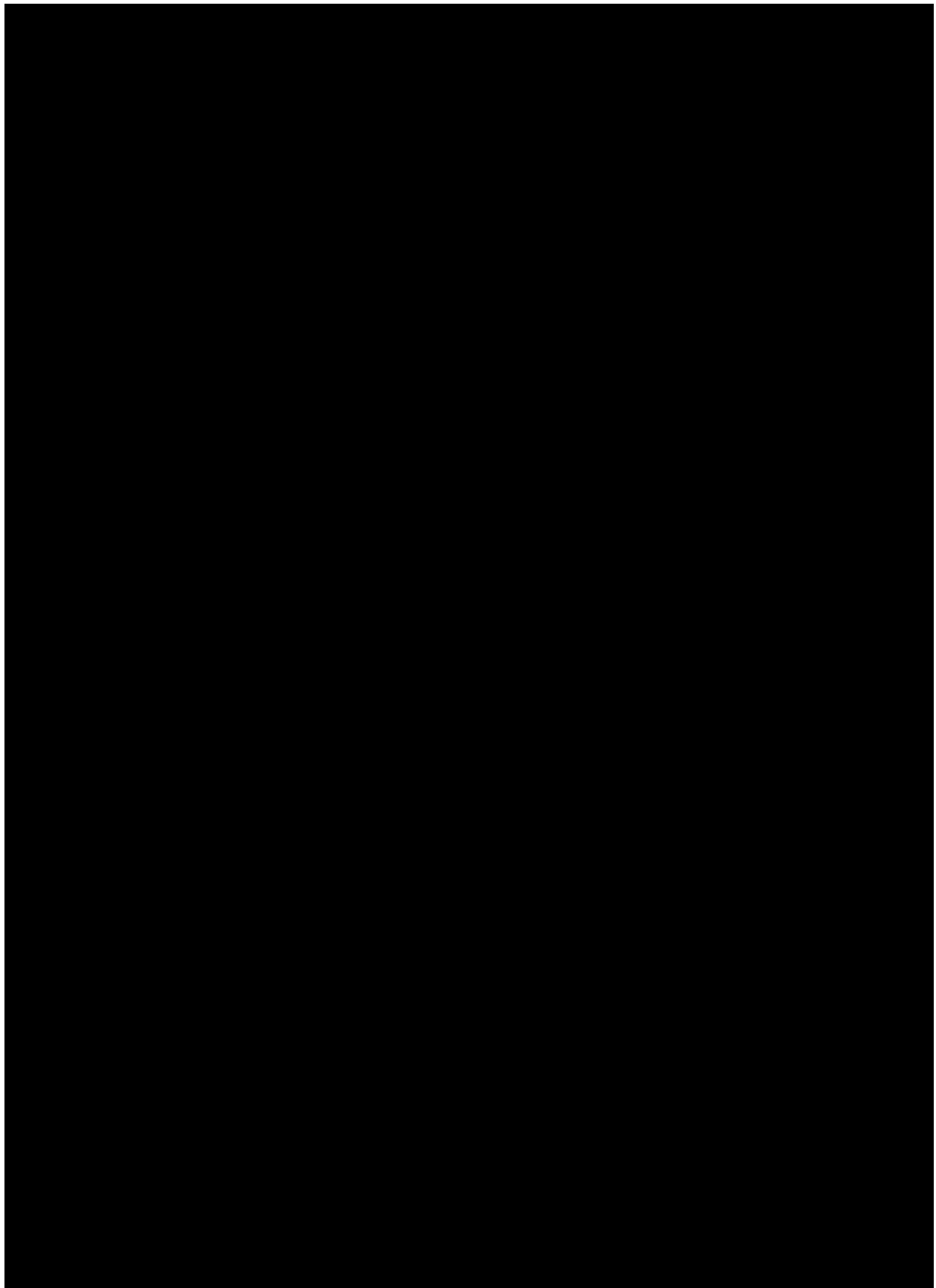
# Amor de redenção

FRANCINE  
RIVERS

“Uma obra esplêndida, que explora o amor físico e o amor de Deus. Não há nada que não seja absolutamente verdadeiro neste romance maravilhoso.”

— LIBRARY JOURNAL





CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R522a

Rivers, Francine, 1947-

Amor de redenção [recurso eletrônico] / Francine Rivers ; tradução Alyda Sauer. - Campinas, SP : Verus, 2011.  
recurso digital

Tradução de: Redeeming Love

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Edititons

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-112-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção cristã. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Sauer, Alyda Christina. II. Título.

11-1775

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

*Amor  
de  
redenção*



FRANCINE  
RIVERS

Tradução  
Alyda Sauer



**TÍTULO ORIGINAL**  
*Redeeming Love*

**EDITORA**  
Raïssa Castro

**COORDENADORA EDITORIAL**  
Ana Paula Gomes

**COPIDESQUE**  
Maria Lúcia A. Maier

**REVISÃO**  
Ana Paula Gomes  
Rodrigo Nascimento

**PROJETO GRÁFICO**  
André S. Tavares da Silva

**DIAGRAMAÇÃO**  
Daiane Avelino

**CAPA**  
James Hall

**FOTO DA CAPA**  
Steve Gardner / Pixel Works Studios

Copyright © Francine Rivers, 1991  
Edição publicada em acordo com Browne & Miller Literary Associates,  
LLC.

Tradução © Verus Editora, 2010

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Verus Editora.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**VERUS EDITORA**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55

Jd. Santa Genebra II - 13084-753

Campinas/SP - Brasil

Fone/Fax: (19) 3249-0001

[verus@veruseditora.com.br](mailto:verus@veruseditora.com.br)

[www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)

*Aos que sofrem e têm sede*

*Aquele que está sem pecado, atire a primeira pedra.*

–JESUS, JOÃO 8,7

## AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à minha editora, Karen Ball, por ter acreditado neste livro e por sua ajuda em resgatá-lo para o leitor cristão.

*Bria das Trevas*



# Prólogo



*O príncipe das trevas é um cavalheiro.*

SHAKESPEARE

NOVA INGLATERRA, 1835

Alex Stafford era exatamente como mamãe tinha dito. Alto, moreno, Sarah jamais vira alguém tão bonito. Mesmo com os trajes de montaria empoeirados, com o cabelo úmido de suor, era como os príncipes das histórias que mamãe lia. O coração de Sarah batia acelerado de felicidade e orgulho. Não dava para compará-lo com nenhum dos outros pais que via na missa.

Ele olhou para ela com seus olhos escuros e o coração de Sarah saltitou de emoção. Ela usava seu melhor vestido, azul com avental branco, e mamãe havia-lhe trançado o cabelo com fitas cor-de-rosa e azuis. Será que papai a achava bonita? Mamãe dizia que azul era a cor favorita dele, mas por que ele não sorria? Será que ela estava inquieta, nervosa? Mamãe disse

para ficar imóvel, com as costas retas, para agir como uma dama. Disse que ele ia gostar. Mas ele não parecia nada satisfeito.

– Ela não está linda, Alex? – mamãe disse.

Sua voz soou estranha e tensa, como se algo a sufocasse.

– Não é a menininha mais linda que você já viu?

Sarah viu papai franzir as sobrancelhas. Ele não parecia alegre. Parecia zangado. Como mamãe às vezes ficava, quando Sarah falava ou fazia perguntas demais.

– São só alguns minutos – mamãe apressou-se em dizer.

Rápido demais. Mamãe estava com medo? Mas por quê?

– É tudo o que lhe peço, Alex. Faça esse favor. É muito importante para ela.

Alex Stafford olhou irritado para Sarah. Não disse nada, mantinha os lábios apertados. Sarah procurou ficar bem quieta. Tinha se observado tanto tempo no espelho aquela manhã que sabia o que ele estava vendo. O queixo e o nariz eram do pai, o cabelo louro e a pele clara, da mãe. Os olhos também eram como os da mãe, só que ainda mais azuis. Sarah queria que papai dissesse que ela era bonita, então levantou a cabeça e olhou para ele, esperançosa. Mas seu olhar não foi nada agradável.

– Você escolheu azul de propósito, Mae?

Sarah se assustou com a pergunta. As palavras soaram frias e raivosas.

– Porque realça a cor dos olhos dela? – ele continuou.

Sarah não conseguiu se conter, olhou para a mãe e sentiu um aperto no coração. O rosto de mamãe cobriu-se de mágoa.

Alex virou para o saguão.

– Cléo!

– Ela não está – mamãe disse baixinho, mantendo a cabeça erguida. – Dei-lhe o dia de folga.

Os olhos de papai ficaram ainda mais sombrios.

– Ah, deu? Bem, isso a deixa numa situação difícil, não é, querida?

Mamãe ficou tensa, mordeu o lábio e olhou para Sarah. O que estava acontecendo?, Sarah pensou com tristeza. Papai não estava feliz em vê-la? Ela estava muito animada de finalmente poder estar com ele, mesmo que por apenas alguns instantes...

– O que queria que eu fizesse? – mamãe perguntou para papai.

Sarah aguardou em silêncio.

– Que a mandasse embora. Imagino que ela saiba como encontrar Cléo. Manchas rosadas apareceram no rosto de mamãe.

– O que quer dizer, Alex? Que recebo outros em sua ausência?

O sorriso de Sarah transformou-se em dúvida. Eles se dirigiam um ao outro com muita frieza. Nenhum dos dois olhava para ela. Tinham esquecido que estava ali? Qual era o problema? Mamãe estava transtornada. Por que a raiva de papai quando soube que Cléo não estava em casa?

Sarah mordeu o lábio, olhando para os dois. Chegou mais perto e puxou o casaco do pai.

– Papai...

– Não me chame assim.

Ela levou um susto, ficou confusa e com medo de sua reação. Ele *era* sim seu papai. Mamãe dizia que era. Ele até levava presentes quando aparecia, presentes que mamãe dava para ela. Talvez estivesse zangado porque ela nunca lhe agradecera.

– Quero agradecer os presentes que...

– Psiu, Sarah! – a mãe apressou-se em dizer. – Agora não, querida.

Papai virou furioso para mamãe.

– Deixe que ela fale. Era o que você queria, não? Por que quer que ela se cale agora, Mae?

Mamãe chegou mais perto e botou a mão no ombro de Sarah. A menina sentiu os dedos da mãe tremendo, mas então papai se abaixou e olhou para Sarah, sorrindo.

– Que presentes?

Ele era tão bonito... bem como mamãe dizia. Sarah se orgulhava de ter um pai assim.

– Pode falar, pequena.

– Gosto dos doces que traz para mim – disse Sarah, contente e orgulhosa de merecer sua atenção. – São muito bons. Mas o que mais gostei foi do cisne de cristal.

Ela sorriu outra vez, cheia de alegria com a atenção que o pai lhe dava. Ele até sorriu também, mas Sarah não sabia ao certo se gostava daquele sorriso, contido e tenso.

– É mesmo? – disse, endireitando o corpo e olhando para mamãe. – Fico feliz em saber que meus presentes significam tanto.

Sarah levantou a cabeça para olhar para ele, encantada com sua aprovação.

– Botei no parapeito da janela do meu quarto. Quando a luz do sol bate nele, as cores dançam na parede. Quer ver?

Sarah segurou a mão do pai. Ele a afastou e a menina ficou magoada, sem entender.

Mamãe mordeu o lábio, estendeu a mão para papai e então parou de repente. Sua expressão era novamente de medo. Sarah olhava para um e para outro, tentando entender. O que tinha feito de errado? Papai não estava satisfeito porque ela gostava dos seus presentes?

– Então você dá os meus presentes para a menina – ele disse. – É bom saber quanto eles significam para você.

Sarah se encolheu com a frieza de sua voz, mas, quando ia falar, mamãe tocou-lhe suavemente o ombro.

– Querida, seja boazinha e vá brincar lá fora.

Sarah ficou angustiada. Tinha feito alguma coisa errada?

– Deixe-me ficar. Prometo que fico quieta.

Mamãe não conseguiu dizer mais nada. Olhava para papai com os olhos cheios de lágrimas.

Alex abaixou-se mais uma vez para falar com Sarah.

– Quero que vá brincar lá fora – disse em voz baixa. – Preciso conversar com sua mãe a sós.

Ele sorriu e deu um tapinha no rosto da menina.

Sarah sorriu também, felicíssima. Papai tinha-lhe feito um carinho. Ele não estava zangado. Ele a amava! Exatamente como mamãe dizia.

– Posso voltar quando acabar a conversa de vocês?

Papai se levantou, irritado.

– Sua mãe vai buscá-la quando puder. Agora obedeça e corra lá para fora.

– Sim, papai.

Sarah queria ficar, mas queria mais ainda agradar ao pai. Saiu da sala e passou saltitando pela cozinha, até a porta dos fundos. Colheu algumas margaridas no canteiro perto da porta, foi para a treliça das rosas e começou a arrancar-lhes as pétalas.

– Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer...

Quando chegou à parede lateral da casa, parou de falar. Não queria incomodar mamãe e papai. Só queria ficar perto deles.

Sarah sonhava satisfeita. Quem sabe papai a colocaria sentada em seus ombros? Ou então a levaria para passear em seu grande cavalo negro? Claro que ela teria de trocar de roupa. Ele não ia querer que ela sujasse o vestido. Sarah desejou que ele a tivesse posto no colo enquanto conversava com mamãe. Ela adoraria isso e não ia incomodá-los nem um pouco.

A janela da sala estava aberta e Sarah conseguia ouvir as vozes. Mamãe gostava que a sala ficasse perfumada com o cheiro das rosas. Sarah queria ouvir a conversa dos pais, assim saberia a hora que papai a chamasse de volta. Se ficasse bem quieta, não atrapalharia, e mamãe só teria de se debruçar na janela para chamá-la.

– O que eu podia fazer, Alex? Você nunca passou mais de um minuto com ela. O que eu deveria ter dito? Que o pai não se importa com ela? Que preferia que ela nunca tivesse nascido?

Sarah ficou boquiaberta. *Negue isso, papai! Diga que não é verdade!*

– Eu trouxe aquele cisne da Europa para você, e você o jogou fora, deu a uma criança que não tem noção do valor daquela peça. Deu as pérolas também? E a caixinha de música? Imagino que deve ter dado tudo a ela!

As margaridas estremeeceram nas mãos de Sarah. Ela se sentou no chão, sem ligar para o belo vestido. O coração, antes acelerado de felicidade, batia mais devagar. Tudo dentro dela parecia desmoronar a cada palavra.

– Alex, por favor... Não vi nenhum mal nisso. Foi para facilitar as coisas. Hoje de manhã ela perguntou se já tinha idade para estar com você. Ela pergunta toda vez que lhe conto que você está vindo. Como eu poderia dizer não para ela novamente? Não tive coragem. Ela não entende o seu descaso, nem eu também.

– Você sabe o que sinto por ela.

– Como pode dizer que sente alguma coisa? Você nem a conhece. Ela é uma criança linda, Alex. É inteligente, graciosa, não tem medo de nada. É muito parecida com você. Ela é *uma pessoa*, Alex. Você não pode ignorar a existência de Sarah para sempre. Ela é sua filha...

– Os filhos que tenho com minha esposa já me bastam. Filhos legítimos. Eu disse a você que não queria mais um.

– Como pode dizer isso? Como pode deixar de amar uma filha que tem o seu sangue?

– Eu disse o que sentia desde o início, mas você não quis ouvir. Ela não devia ter nascido, Mae, mas você insistiu em fazer as coisas do seu jeito.

– Você acha que eu queria engravidar? Pensa que planejei ter Sarah?

– Pensei nisso muitas vezes. Principalmente quando arrumei uma saída para a situação e você recusou. O médico que indiquei teria resolvido essa confusão toda. Teria acabado com...

– Eu não seria capaz. Como podia esperar que eu matasse um filho assim? Você não entende? É pecado mortal.

– Você passou tempo demais na igreja – ele disse, com desprezo. – Já pensou que não teria os problemas que tem agora se tivesse se livrado dela, como eu lhe disse? Teria sido fácil. Mas você fugiu.

– Eu a desejava! – mamãe disse, desconsolada. – Ela era parte de você, Alex, e parte de mim. Eu a quis, mesmo contra sua vontade...

– Esse é o verdadeiro motivo?

– Você está me ofendendo, Alex!

Sarah se encolheu ao ouvir alguma coisa se quebrando.

– Esse é o verdadeiro motivo, Mae? Ou você a teve porque achou que um filho era o único artifício que teria para me prender?

– Não é possível que acredite nisso!

Mamãe estava chorando.

– Mas acredita, não é? Você é um tolo, Alex. Ah, o que foi que eu fiz? Desisti de tudo por você! Minha família, meus amigos, o respeito por mim mesma, tudo em que eu acreditava, toda a esperança que tinha...

– Comprei esta casa para você. E dou todo o dinheiro de que precisa.

Mamãe levantou a voz, como jamais fazia.

– Sabe o que é andar pelas ruas desta cidade? Você anda por aí como bem entende. Todos sabem quem é você e quem sou eu. E ninguém olha para mim. Ninguém fala comigo. Sarah sente o mesmo. Um dia ela perguntou e eu disse que éramos diferentes das outras pessoas. Não sabia o que responder – sua voz ficou entrecortada. – Devo ir para o inferno pelo que me tornei.

– Estou cansado de seu complexo de culpa e de ouvir falar daquela menina. Ela está estragando tudo entre nós. Lembra como éramos felizes? Nunca discutíamos. Eu mal podia esperar para encontrá-la, para estar com você.

– Não fale...

– Quanto tempo eu passo com você agora? Será que basta? Você só fica com ela. Eu disse que isso aconteceria, não disse? Queria que ela nunca tivesse nascido!

Mamãe gritou uma palavra terrível. Houve um estrondo. Apavorada, Sarah se levantou e correu. Passou por cima das flores de mamãe, atravessou o gramado e disparou a caminho da estufa. Correu até não aguentar mais. Ofegante, com dor no baço, caiu na relva, os ombros trêmulos de tanto soluçar, o rosto molhado de lágrimas. Ouviu o galope de um cavalo em sua direção. Arrastou-se para um esconderijo melhor, no mato, à beira do riacho, e de lá viu o pai passando em seu cavalo preto. Abaixou-se e ficou ali, chorando encolhida, esperando que mamãe fosse procurá-la.

Mas mamãe não foi e não chamou por ela. Depois de um tempo, Sarah voltou para a estufa e foi esperar sentada entre as flores. Quando mamãe apareceu, Sarah já tinha secado as lágrimas e espanado a terra do belo vestido. Ainda tremia por tudo que tinha ouvido.

Mamãe estava muito abatida, tinha os olhos vazios e vermelhos. Havia uma marca roxa em seu rosto, mal disfarçada pelo pó de arroz. Mamãe sorriu, mas não era seu sorriso habitual.

– Por onde andou, querida? Estive procurando você por toda parte.

Sarah sabia que não era verdade. Tinha ficado atenta o tempo todo. Mamãe lambeu o lenço rendado e limpou o rosto de Sarah.

– Seu pai foi chamado às pressas para resolver um problema de trabalho.

– Ele vai voltar?

Sarah estava com medo. Não queria vê-lo nunca mais. Ele tinha machucado mamãe e a feito chorar.

– Acho que não, por um bom tempo. Temos de esperar para ver. Ele é um homem muito importante e muito ocupado.

Sarah não disse nada. Mamãe a ajudou a se levantar e a abraçou com força.

– Está tudo bem, meu amor. Sabe o que vamos fazer? Vamos voltar para casa e trocar de roupa. Depois vamos preparar um piquenique e descer até o riacho. Gostaria de fazer isso?

Sarah fez que sim com a cabeça e pôs os braços em volta do pescoço da mãe. Sua boca tremia e ela se esforçou para não chorar. Se chorasse, mamãe poderia descobrir que andou bisbilhotando e ficaria zangada.

Mamãe a apertou e mergulhou o rosto nos cabelos de Sarah.

– Vamos superar isso. Você vai ver, meu amor. Vamos conseguir. *Nós vamos conseguir.*

Alex não voltou, mamãe emagreceu e ficou abatida. Ficava na cama até tarde e, quando se levantava, não tinha mais disposição para as longas caminhadas habituais. Quando sorria, os olhos não brilhavam. Cléo dizia que ela precisava se alimentar melhor. Cléo falava muitas coisas, sem prestar atenção, quando Sarah estava perto o bastante para ouvir.

– Ele continua enviando dinheiro, srta. Mae. Isso já é alguma coisa.

– Não me importo com o dinheiro – os olhos de mamãe ficaram marejados. – Nunca me importei.

– Mas se importaria se não tivesse nenhum.

Sarah procurava alegrar mamãe levando-lhe grandes buquês de flores. Quando encontrava pedras bonitas, as lavava e lhe dava de presente. Mamãe sempre sorria e agradecia, mas seus olhos não brilhavam mais. Sarah cantava as músicas que mamãe havia lhe ensinado, tristes baladas irlandesas e alguns cânticos da missa em latim.

– Mamãe, por que você não canta mais? – ela perguntou, subindo na cama e aconchegando a boneca entre as cobertas desarrumadas. – Vai se sentir melhor se cantar.

Mamãe escovava lentamente o cabelo louro e comprido.

– Não sinto vontade de cantar, querida. Tenho muita coisa para pensar agora.

Sarah sentia um peso cada vez maior dentro do peito. Tudo era culpa sua. Tudo culpa sua. Se não tivesse nascido, mamãe seria feliz.

– Alex vai voltar, mamãe?

A mãe olhou para ela espantada, mas Sarah nem ligou. Não ia mais chamá-lo de papai. Ele tinha feito mamãe sofrer e ficar triste. Desde que partira, ela mal lhe dera atenção. Sarah tinha até ouvido mamãe dizer para Cléo que o amor não era uma bênção, mas uma maldição.

Sarah olhou para a mãe e sentiu um aperto no coração. Estava tão triste... Com os pensamentos longe, de novo. Sarah sabia que estava pensando *nele*. Mamãe queria que ele voltasse. Chorava todas as noites

porque isso não acontecia. Escondia o rosto no travesseiro, mas mesmo assim Sarah escutava os soluços.

Ela mordeu o lábio, abaixou a cabeça e mexeu distraída na boneca.

– E se eu ficasse doente e morresse, mamãe?

– Você não vai ficar doente – mamãe disse, olhando para ela e sorrindo.

– Você é jovem e saudável demais para morrer.

Sarah ficou observando a mãe escovar o cabelo. Era como a luz do sol cobrindo os ombros muito brancos. Mamãe era muito bonita. Como Alex podia não amar aquela mulher?

– Mas se eu morresse, mamãe, ele voltaria e ficaria com você?

Mamãe ficou imóvel. Virou e encarou Sarah com um olhar tão horrorizado que assustou a menina. Não devia ter dito aquilo. Agora mamãe saberia que ela tinha ouvido a briga dos dois...

– Nunca pense isso, Sarah.

– Mas...

– Não! Jamais faça essa pergunta novamente. Entendeu?

Mamãe nunca levantara a voz daquele jeito antes. Sarah sentiu o queixo tremer.

– Sim, mamãe.

– Nunca mais – ela disse com mais suavidade. – Prometa para mim. Isso não tem nada a ver com você, Sarah.

Mamãe a puxou para perto e a acariciou com ternura.

– Eu te amo, Sarah. Eu te amo muito. Mais do que qualquer pessoa neste mundo.

Exceto ele, pensou Sarah. Sem contar Alex Stafford. E se ele voltasse? E se ele obrigasse mamãe a escolher? O que ela faria?

Com medo, Sarah agarrou-se à mãe e rezou para ele não voltar.

Um moço apareceu para falar com mamãe.

Enquanto brincava de boneca perto da lareira, Sarah ficou observando a mãe conversar com ele. As únicas pessoas que apareciam naquela casa eram o sr. Pennyrod, que levava a lenha, e Bob. Ele gostava da Cléo. Trabalhava no mercado e provocava Cléo, falando de lombo assado e de

suculentos pernis de carneiro. Cléo ria dele, mas Sarah não achava graça em Bob. Ele usava um avental branco todo sujo e coberto de sangue.

O moço entregou uma carta para mamãe, mas ela não a abriu. Serviu-lhe chá e ele agradeceu. Depois disso, não falou muito, só sobre o tempo e que os canteiros de flores de mamãe eram bonitos. Ele disse que da cidade até lá era uma longa viagem. Mamãe deu-lhe biscoitos e se esqueceu completamente de Sarah.

Sarah sabia que havia alguma coisa errada. Mamãe sentava empertigada demais e falava muito baixo.

– É uma linda menina – ele disse, sorrindo para ela.

Sarah abaixou a cabeça, envergonhada, com medo de que mamãe a mandasse sair da sala porque tinha sido notada.

– É sim. Obrigada.

– Parece com você. Bela como a aurora.

Mamãe sorriu para Sarah.

– Sarah, vá lá fora e corte algumas flores para enfeitar a mesa.

A menina pegou a boneca e saiu sem dizer uma palavra. Queria agradar mamãe. Pegou uma faca afiada da gaveta da cozinha e foi para os canteiros de flores. Mamãe gostava mais das rosas. Sarah pegou também alguns ramos de espora, goivo vermelho, ranúnculo, margaridinhas e margaridas, até encher o cesto de palha que trazia pendurado no braço.

Quando entrou em casa de novo, o moço havia partido. A carta estava aberta no colo de mamãe. Seus olhos brilhavam e havia cor nas maçãs do rosto. Ela sorriu ao dobrar a carta e botar dentro da manga. Levantou-se, foi para perto da menina, pegou-a no colo e rodopiaram juntas, alegremente.

– Obrigada pelas flores, querida.

Beijou Sarah, depois a pôs no chão. A menina deixou o cesto em cima da mesa.

– Adoro flores – mamãe disse. – São tão lindas, não são? Por que dessa vez você não as arruma? Preciso pegar uma coisa na cozinha. Oh, Sarah! Está um dia lindo, maravilhoso, não está?

*Está um dia horroroso*, pensou Sarah, vendo mamãe se afastar. Estava enjoada de tanto medo. Pegou o vaso grande de cima da mesa e levou lá para fora. Jogou as flores murchas na composteira. Bombeou água do poço e encheu o vaso. Molhou o vestido quando levou o vaso de volta para a

mesa. Não aparou as pontas nem tirou as folhas das flores. Não se importava com a aparência do arranjo e sabia que mamãe nem notaria.

Alex Stafford vinha para casa.

Mamãe voltou para a sala com Cléo.

– Ah, querida, tenho uma notícia maravilhosa. Cléo planeja ir para a praia esta semana e quer levá-la com ela. Não é ótimo?

O coração de Sarah bateu com força, acelerado.

– Ela não é um amor? – continuou mamãe, animada. – Ela tem um amigo que administra uma hospedaria e ele adora crianças.

O sorriso de Cléo era artificial e frio.

Sarah encarou a mãe.

– Não quero ir, mamãe. Quero ficar com você.

Ela sabia o que estava acontecendo. Mamãe queria que ela viajasse porque seu pai não a queria. E talvez mamãe também não a quisesse mais.

– Bobagem – mamãe disse, dando risada. – Você nunca foi para lugar nenhum e precisa ver um pouco do mundo. Vai gostar do mar, Sarah. É muito lindo. Poderá sentar-se na areia e ouvir o barulho das ondas. Poderá construir castelos, catar conchas. Espere só até sentir a espuma fazendo cócegas nos seus pés.

Parecia que mamãe tinha revivido. Sarah sabia que era por causa da carta. Alex devia ter escrito que vinha vê-la. Mamãe não queria outra cena como a última, por isso estava tirando Sarah do caminho dele. A menina olhou para o rosto luminoso da mãe, com o coração apertado.

– Venha, querida. Vamos arrumar suas coisas.

Sarah viu suas roupas sendo dobradas e postas num saco de viagem. Mamãe mal podia esperar para livrar-se dela.

– Onde está sua boneca? – ela perguntou, olhando em volta. – Vai querer levá-la também.

– Não.

– Por que não? Você nunca se separa dela.

– Ela quer ficar em casa com você.

Mamãe franziu a testa, mas não continuou a conversa. E também não mudou de ideia.

Cléo foi buscar Sarah e elas percorreram a pé os dois quilômetros até a cidade. A criada comprou os bilhetes assim que a carruagem chegou. O condutor pegou os sacos de viagem e Cléo ajudou Sarah a subir na

carruagem. Depois subiu também, sentou-se na frente da menina e sorriu para ela. Seus olhos castanhos brilhavam muito.

– Vamos fazer uma aventura, Sarah.

Sarah queria pular da carruagem e correr de volta para casa, para mamãe, mas ela lhe mandaria para longe novamente. Quando os cavalos começaram a andar, ela espiou pela janela e viu casas conhecidas passando. A carruagem trepidou sobre a ponte e seguiu por uma estrada que cortava uma floresta. Tudo que Sarah conhecia sumiu rapidamente de vista e ela afundou no banco que balançava. Quanto mais avançavam, mais desconsolada ficava.

– Vamos ficar na Four Winds – disse Cléo, obviamente satisfeita porque Sarah havia ficado quieta. Devia estar esperando que a menina fizesse uma cena.

Se achasse que poderia fazer mamãe mudar de ideia, Sarah até faria uma cena sim. Nunca ficara longe dela por mais do que umas poucas horas. Mas a menina sabia que nada mudaria as coisas. Alex Stafford estava a caminho, por isso ela precisava ir. Sarah ficou muito quieta e séria.

– Eles têm comida boa e quartos decentes – Cléo disse. – E estaremos perto do mar. Você segue por uma pequena trilha de grama e chega ao rochedo. As ondas quebram nas pedras. É um som maravilhoso, e o cheiro da maresia é a melhor coisa do mundo.

A melhor coisa do mundo...

Sarah gostava de casa, do jardim de flores nos fundos. Gostava de sentar perto da estufa com mamãe, molhando os pés no riacho.

Ela se esforçou para conter o choro e espiou pela janela outra vez. Os olhos ardiavam e a garganta estava irritada por causa da poeira da estrada. As horas se passaram lentamente. As batidas fortes dos cascos dos cavalos davam dor de cabeça. Sarah estava exausta, tão cansada que mal conseguia manter os olhos abertos, mas, toda vez que os fechava, a carruagem dava um tranco ou se inclinava de repente, e ela despertava assustada.

O condutor parou uma vez para trocar os cavalos e fazer alguns pequenos consertos. Cléo levou Sarah para o banheiro. Quando a menina saiu de lá, não viu a criada em canto algum. Correu para a carruagem, depois para o estábulo e por fim foi até a estrada, gritando o nome de Cléo.

– Pare de gritar! Meu Deus, para que essa gritaria toda? – disse Cléo, correndo para perto da menina. – Vão pensar que você é uma galinha sem

cabeça, do jeito que corre por aí.

– Onde você estava? – Sarah perguntou, com lágrimas escorrendo pelo rosto. – Mamãe disse que devíamos ficar juntas!

Cléo ergueu as sobrancelhas.

– Ora, desculpe, madame, mas estava bebendo uma caneca de cerveja.

Segurou a mão de Sarah e a levou de volta para a casa da estação.

A mulher do chefe da estação estava parada na porta, secando as mãos.

– Que menininha linda – disse, sorrindo para Sarah. – Está com fome, meu amor? Ainda há tempo para comer um prato de ensopado.

Sarah abaixou a cabeça, tímida sob o olhar da mulher.

– Não, obrigada, madame.

– E educada também – disse a senhora.

– Venha, Sarah – disse Cléo, e deu um empurrãozinho na menina para entrar.

A senhora bateu nas costas de Sarah e a levou para uma mesa.

– Precisa pôr um pouco mais de carne sobre esses ossos, meu amor. Experimente o meu ensopado. Dizem que sou uma das melhores cozinheiras da estrada.

Cléo sentou e pegou sua caneca de cerveja.

– Precisa comer alguma coisa antes de seguirmos viagem – ela disse.

– Não estou com fome.

Cléo inclinou o corpo para frente.

– Não me importa se está com fome ou não – disse baixinho. – Você tem de me obedecer. O condutor disse que só partiremos daqui a meia hora e teremos mais três ou quatro horas de viagem até chegar à costa. Não quero ouvi-la choramingando de fome até lá. Esta é sua última chance de comer alguma coisa até Four Winds.

Sarah encarou Cléo e fez força para não chorar. A criada deu um suspiro profundo, estendeu a mão e deu um tapinha no rosto da menina.

– Coma alguma coisa, Sarah – disse ela.

A menina obedeceu, pegou a colher e começou a comer. Mamãe dissera que aquela viagem tinha sido planejada para ela, mas até Cléo agir como se ela fosse um estorvo. Era óbvio que mamãe a mandara embora para livrar-se dela.

Quando a carruagem partiu novamente, Sarah ficou em silêncio. Sentou ao lado da janela e ficou espiando a paisagem, com as mãos juntas no colo e

as costas retas. Cléo parecia aliviada com seu silêncio e acabou adormecendo. Depois de um tempo, acordou e sorriu para Sarah.

– Está sentindo o cheiro do mar? – perguntou.

Sarah estava na mesma posição de quando Cléo tinha adormecido, mas a menina sabia que seu rosto empoeirado tinha marcas brancas das lágrimas que não conseguira conter. A criada olhou para ela com tristeza, então se virou para a janela.

Chegaram a Four Winds logo depois do pôr do sol. Sarah agarrou a mão de Cléo enquanto o condutor desamarrava os sacos de viagem. A menina ouviu um estrondo enorme, que parecia um monstro, e ficou com medo.

– Que barulho é esse, Cléo?

– É o mar estourando nas rochas. Formidável, não é?

Sarah achou que era o som mais assustador que já tinha ouvido. O vento uivava nas árvores como um animal selvagem à procura de alguma presa de sangue quente, e, quando abriram a porta da Four Winds, ouviu risos altos e homens gritando. Ela recuou de repente, não queria entrar.

– Tome cuidado aí – disse Cléo, empurrando Sarah. – Pegue seu saco. Já tenho o meu para carregar.

Sarah arrastou o saco até a porta. Cléo empurrou a porta com o ombro para abrir e entrou. A menina foi logo atrás. A criada olhou em volta e então sorriu. Sarah seguiu seu olhar e viu um homem no bar, numa queda de braço com um marinheiro musculoso. Um homem grandalhão servia cerveja e avistou Cléo imediatamente. Debruçou sobre o balcão, cutucou o homem que fazia a queda de braço e apontou com a cabeça para Cléo, dizendo alguma coisa baixinho. O homem virou um pouco a cabeça e o marinheiro aproveitou a vantagem daquela falta de atenção. Bateu o braço do outro no bar com um grito triunfante. Sarah viu, apavorada, o homem derrotado levantar e dar um soco no olho direito do marinheiro, que despencou no chão.

Cléo deu risada. Era como se tivesse esquecido que Sarah estava ali, escondida atrás da saia dela. A menina gemeu baixinho quando o homem do bar se aproximou de Cléo e deu-lhe um beijo ruidoso, ao som dos gritos dos outros homens no salão. Quando espiou atrás de Cléo e encarou Sarah, a garota pensou que fosse desmaiar de tanto medo.

– Uma bastarda? Deve ser produto de um cara bonito, pela sua aparência.

Cléo levou um tempo para recuperar o fôlego e entender do que ele estava falando.

– Ah, ela? Não, Merrick. Não é minha. É filha da madame para quem eu trabalho.

– O que ela está fazendo aqui com você?

– É uma longa e triste história que prefiro esquecer neste momento.

Merrick fez que sim com a cabeça e deu um tapinha no rosto dela.

– O que você acha da vida no campo?

Ele sorriu, mas Sarah não gostou do seu sorriso.

Cléo virou a cabeça.

– É tudo o que eu imaginava que fosse.

Ele deu risada e pegou o saco de viagem dela.

– Por isso voltou para Four Winds, não é?

Ele pegou o saco de Sarah também, deu um largo sorriso e depois uma gargalhada. Então a menina se encolheu para longe, como se ele fosse o diabo em pessoa.

Sarah jamais tinha visto alguém como Merrick. Ele era muito grande, tinha cabelo preto e barba aparada. Lembrava as histórias de pirata que mamãe contava. Sua voz era forte e profunda, e olhava para Cléo como se quisesse comê-la inteira. Cléo não se incomodava com isso. Não prestou atenção nenhuma em Sarah e atravessou o salão. A menina a seguiu, apavorada com a ideia de ser deixada para trás. Todos olhavam fixo para ela.

– Ei, Stump, dê uma cerveja para a nossa Cléo! – berrou Merrick para o grisalho atendente do bar, que a cumprimentou com uma piscadela e um sorriso.

Ele segurou Sarah pela cintura e a levantou bem alto para sentá-la em cima do balcão.

– E vinho agüado para essa menina branquela – disse, apalpando o casaco de veludo de Sarah. – Sua mamãe deve ser rica, hein?

– O pai dela é que é rico – disse Cléo. – E casado também.

– Ah! – Merrick deu um sorriso debochado para Sarah. – Então é isso. Pensei que você estava querendo um trabalho respeitável.

– É respeitável. Ninguém me olha de cima para baixo.

– Eles sabem que você trabalhou anos numa cervejaria antes de resolver melhorar sua posição na vida? – e passou a mão no braço dela. – Para não

falar dos bicos...

Cléo olhou para Sarah e afastou a mão dele.

– Mae sabe. Ela não é do tipo que menospreza os outros. Eu gosto dela.

– Essa praguinha se parece com ela?

– Cuspida e escarrada.

Merrick apertou o queixo de Sarah e acariciou-lhe o rosto.

– Olhos azuis como violetas e cabelo de anjo. Sua mamãe deve ser muito bonita, se é parecida com você. Gostaria de vê-la.

Cléo ficou tensa e Sarah achou que estava zangada. Gostaria que Merrick a deixasse em paz, mas ele não parava de alisar seu rosto. A garota queria ficar o mais longe possível daquele homem horrível, de barba preta, olhos escuros e sorriso maligno.

– Deixe-a em paz, Merrick. Ela já está bastante assustada sem você provocá-la. É a primeira vez que se afasta da mãe.

Ele riu.

– Ela está mesmo um pouco pálida. Deixa disso, pequenina. Sou inofensivo. Beba um pouco.

Ele empurrou a caneca de vinho aguçado para Sarah.

– É isso aí. Um pouquinho de vinho e não terá mais medo de nada – e deu risada de novo, quando Sarah fez uma careta de nojo. – Ela está acostumada com alguma coisa melhor?

– Ela não está acostumada com nada – disse Cléo, e agora Sarah tinha certeza de que a moça estava zangada. Ela não gostou de Merrick dedicar tanta atenção à menina. Olhou para Sarah, nitidamente irritada com a reação dela a Merrick.

– Não seja covarde. Ele é só papo, nada mais.

O velho Stump e os outros homens no bar deram risada. Merrick também riu.

Sarah queria pular dali e fugir correndo do vozerio barulhento, das risadas e dos olhares. Deu um soluço baixinho de alívio quando Cléo a pôs no chão, segurou sua mão e a levou para uma mesa. Mordeu o lábio ao ver que Merrick as seguia. Ele puxou uma cadeira e se sentou. Sempre que as canecas ficavam vazias, ele pedia mais. Fazia piadas e Cléo ria muito. Uma vez enfiou a mão embaixo da mesa e Cléo o empurrou. Mas ela sorria e falava cada vez mais. Sua voz estava estranha, as palavras saíam embaralhadas.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Amor de Redenção"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).